



Póvoa de Varzim - o que ver e visitar

O Concelho

O concelho da Póvoa de Varzim é constituído por 12 freguesias: Aguçadoura, Amorim, Argivai, Balasar, Beiriz, Estela, Laundos, Navais, Póvoa de Varzim, Rates e



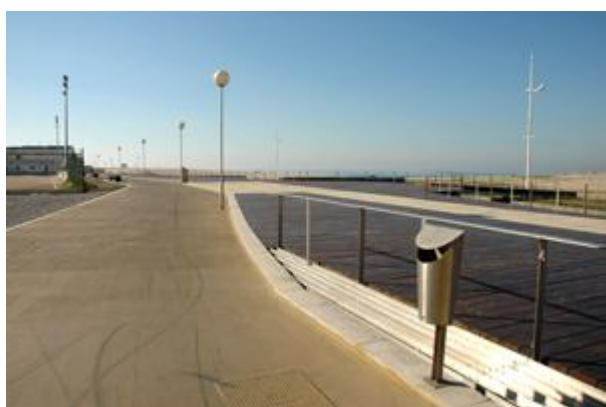
Terroso; ocupa uma área de 8.224 hectares e conta com cerca de 60.000 habitantes. Definido no século XI X, está delineado de forma sinuosa e insinuante... como se do mar uns ombros largos projectassem dois braços terra adentro. Esse extenso abraço vai-se estreitando para o interior, até à união das mãos. É uma configuração que lhe traça o próprio fado, confirmando-lhe a inevitável vocação marítima. A limitação de espaço obriga a uma apresentação panorâmica

do concelho da Póvoa de Varzim. Por essa razão optamos por conduzir esta visita guiada a partir de um ponto panorâmico: o monte de S. Félix, 202 metros de altitude.

Neste observatório, situado sensivelmente no centro do concelho, podemos admirar em toda a plenitude as 12 freguesias que o constituem e, se prestarmos atenção à localização espacial, às manchas florestais, agrícolas e urbanas, pressentir as características básicas de cada povoado.

A poente, com o mar a debruçar o horizonte, uma ampla planície moldada pelas águas marinhas que se enrolam em praias de fácil acesso e larga extensão de areia. Nessa primeira linha atlântica, no sentido Sul-Norte, perfilam-se as freguesias da Póvoa de Varzim, Aver-o-Mar, Aguçadoura e Estela.

O perfil da cidade da Póvoa de Varzim distingue-se sem dificuldade. Quem não a visita há mais de duas décadas a custo lhe reconhecerá os traços: a Póvoa do tradicional baixo casario mantém-se, mas a zona da beira-mar quis ver mais longe e deixou-se seduzir pela construção em altura. Este rápido crescimento urbano não desfigurou o povo, altivo e orgulhoso dos pergaminhos milenares da sua terra que, alicerçando-se na pesca, soube crescer e diversificar as actividades económicas. No século XVI I I descobriu uma nova forma de rendimento: o Turismo, que a par da pesca e dos serviços, com destaque para o comércio, são o sustentáculo económico da cidade de hoje.



Colada à cidade, Aver-o-Mar sofreu o impacto urbanístico do crescimento desta e viu muitos dos seus férteis terrenos serem invadidos pela construção. Torna-se curioso notar que a zona litoral a norte da Póvoa, sendo a mais tardivamente povoada, é a que, actualmente, apresenta a maior densidade populacional do concelho. Aver-O-Mar e Aguçadoura só conseguiram a sua autonomia neste século; ambas eram lugares das aldeias um pouco mais interiores de Amorim e Navais, respectivamente. Foi a atracção do mar e das potencialidades por ele oferecidas que levou à



sedentarização nestas áreas, onde havia somente as estruturas de apoio para as actividades agro-marítimas dos lavradores (barracos para guardar o sargaço e as pequenas embarcações utilizadas na pesca costeira e na apanha do pilado). Esta atracção exerceu-se, sobretudo, ao nível das pessoas mais desfavorecidas. Era a possibilidade de expansão, da ocupação de uma área não saturada, onde da combinação das actividades marítimas e agrárias resultou o modo de vida. Neste processo, como que se formou uma nova classe social - o Seareiro de Aver-o-Mar e Aguçadoura - que, embora

partilhando a designação com outros grupos, assumiu, por força dessas mesmas actividades, características muito particulares. E tão bem sucedida foi esta ocupação que são hoje das freguesias mais prósperas do concelho.

Em toda a faixa litoral, o solo arenoso reivindica a herança das profundezas oceânicas, e como que a confirmar essa filiação é o alimento marinho que melhor o satisfaz. Por saberem disso, em toda a orla marítima é grande o afã das populações na apanha do sargaço, e outrora do pilado, para a fertilização dos solos. Mas também neste campo se fizeram sentir algumas alterações nos últimos tempos. Actualmente, tornando-se muito dispendiosa a adubação com fertilizantes naturais, recorre-se cada vez mais ao adubo químico. A ancestral actividade da apanha do sargaço mantém-se, mas cada vez menos com a finalidade agrícola, surgindo novas áreas de interesse: as indústrias farmacêutica e de cosméticos.

Este é um solo extremamente fértil, com importantes produções hortícolas: as gostosas batatas, as pencas da Póvoa, as cebolas, as cenouras e uma infinidade de hortaliças que diariamente abastecem os principais núcleos urbanos da região. Com necessidades muito específicas, este tipo de exploração agrícola exige grande número de mão-de-obra e tem certas dificuldades em enquadrar a maquinaria moderna. Um exemplo paradigmático da sua peculiaridade são as carroças que tradicionalmente os seareiros utilizavam - e ainda utilizam, apesar de serem cada vez menos - como meio de deslocação: pequenas porque os produtos eram colhidos em diminutas quantidades, em conformidade com o escoamento diário do mercado; puxadas por gado cavalar porque havia necessidade de se deslocarem rapidamente até aos terrenos de cultivos, muitas vezes distantes da residência, e daí seguirem para o mercado citadino.



A freguesia de Aguçadoura e parte litoral da Estela assentam sobre dunas, que a evidência diria serem improdutivas mas que, depois de arrancado o segredo à Natureza, são quase um fenómeno de fertilidade. Estamos a falar dos Campos de Masseira, forma de cultivo única no mundo. Esta técnica, descoberta em finais do século passado, resulta da combinação feliz entre o rebaixamento do solo e a presença bastante superficial do lençol de água alimentado pelo rio Cávado. Para a formação destas pequenas explorações, os agricultores cavam a duna até próximo do nível freático - o que permite um grau de humidade mais ou menos constante ao longo do ano - e modelam o campo

em forma de gamela (ou masseira). Nos valados cultiva-se a vinha. Com este rebaixamento de alguns metros consegue-se uma protecção dos ventos marítimos, reforçada por sebes, de que resulta um aumento térmico. Estes dois factores aliados (humidade e temperatura) fazem com que os Campos de Masseira funcionem como uma espécie de estufa. Actualmente, a indevida exploração de areias põe em risco a sobrevivência deste tipo de cultura.

Desviando o olhar mais para o interior, de Sul para Norte, surgem-nos as freguesias de Argivai, Beiriz, Amorim, Terroso, Laundos, Navais e, ainda, a Estela. Apercebemos, então, que as manchas florestadas aumentam, os solos vão renegando a sua herança marinha, tornam-se mais pesados, e a agricultura apresenta outras características. É o pátio de entrada para o Minho, com a pequena propriedade rodeada de ramadas, onde a horticultura perde em importância e se afirma o cultivo do milho, da batata, do vinho, das forragens para os animais e da complementaridade com os produtos florestais. Hoje em franca mecanização, este era o tipo de exploração agrícola que tradicionalmente usava o carro de bois como meio de transporte. Acima da rapidez estava a quantidade e o peso dos produtos a deslocar!



Nesta segunda frente, face ao mar, encontram-se instaladas algumas das mais importantes empresas industriais do concelho: cordoaria e trefilaria, malhas e têxteis, etc. É também aqui que se fazem dois dos principais produtos artesanais do concelho: os tapetes de Beiriz (na freguesia do mesmo nome) e as mantas de trapos, com tradições antigas na freguesia de Terroso, mas que se encontram mais ou menos espalhados por todas as freguesias circundantes.



As freguesias de Terroso e Laundos espraiam-se entre as planuras e o progressivo fluir das elevações da Cividade e de S. Félix, os pontos mais elevados da pequena serra de Rates que corta o concelho da Póvoa pelo meio, no sentido Norte - Sul. Estes montes são já o prelúdio da verde e ondulante paisagem minhota que se observa a nascente do nosso ponto de observação. Esta mudança de orientação é como que o abrir de um novo livro. O rumor do mar vai-se perdendo, mas o seu povo não deixa de ser menos alegre e rico. É o Minho em toda a sua grandeza de onde as freguesias do interior, Rates

e Balasar, recebem em pleno o vento tonificante.

Em jeito de conclusão, diríamos que a partir da pesca e da agricultura se combinaram três formas básicas de subsistência: o ancoramento ribeirinho, tendo como actividade exclusiva a pesca; a fixação na orla marítima, onde se granjeia no mar e em terra; a sedentarização interior, enraizada em solo firme. Assim, os condicionalismos geográficos e actividades económicos moldaram diferentes tipos humanos: o pescador poveiro, que vive em estreita ligação com o Atlântico e desconhece quase tudo sobre os segredos da terra e da sua produção; o seareiro de Aver-o-Mar e Aguçadoura comprometido na duplidade Terra / Mar e, finalmente, o lavrador do interior que tem para com o oceano o respeito circunspecto que lhe merece um quase desconhecido.



Como se vê, o restrito enquadramento geográfico não inibiu nas diversas comunidades o desenvolvimento de certas particularidades. Na indumentária típica reflectem-se essas distinções. A forma de trajar do pescador poveiro destaca-se pela sua originalidade - o traje de branqueta, apresentado pelo Grupo Folclórico Poveiro, é somente um dos muitos e interessantes modos de trajar da "colmeia" piscatória. Confrontando as duas outras grandes comunidades, há a notar que os povos da zona litoral, não renegando as influências minhotas,

recorrem a tecidos mais quentes, como a flanela e a castorina, reflexo das suas ligações ao mar. Nas danças e cantares espelham-se aspectos da vida quotidiana. Talvez por isso os povos da beira-mar exibam danças mais vivas, como que condicionados pelo incessante rumor das águas, e elevam pouco os braços, invocando, porventura, o alar das redes; enquanto que o lavrador projecta bem os membros superiores para cima, lembrança, quiçá, das fatigantes mas altivas malhadas.

Apesar de tudo isto o substrato cultural comum cala mais fundo. Salvaguardada a originalidade da comunidade piscatória poveira, os usos e costumes do concelho são fortemente marcados pelas tradições minhotas. O fervor religioso é o mesmo, sendo especial o apego ao culto das Almas. Por todo o lado se encontram pequenas construções - Alminhas - invocando Cristo crucificado ou Nossa Senhora do Carmo, intercessores por exceléncia das almas do purgatório.

Se possível fosse viajar através do tempo, do mesmo observatório, poder-nos-ia mos aperceber do andamento da história e da ocupação humana desta área. Seria um espectáculo privilegiado e vibrante, sobretudo para quem fosse ao encontro das próprias raízes, fortalecidas por milhares de anos de firmação. Que descobertas fabulosas nos estariam reservadas! Quanto do que se desconhece se poderia iluminar e abrir à clareza da ciência histórica?! E, mais uma vez, estaríamos num local singular para observar e até conviver de perto com os povos que por aqui viveram e lutaram pela subsistência, dado que, sobretudo no passado mais remoto, as elevações naturais exerceiram sobre eles grande magnetismo. Foi pelo sopé da serra de Rates que se espalharam as construções megalíticas dos povos do Neolítico. E se esses vestígios materiais não resistiram ao correr milenar do tempo, a toponímia registou-os e não deixou cair no esquecimento os esforços hercúleos desses povos, que procuravam perpetuar em sólidas construções, a memória dos seus mortos.

No final da Idade do Bronze a gravitação espacial era a mesma, assim o atestam os achados arqueológicos do monte da Cividade, em Terroso, e as fossas ovais, em Beiriz, que nos fornecem dados sobre as práticas funerárias destes povos.



Aos povos castrejos estas mesmas elevações não passaram despercebidas. No monte da Cividade, em Terroso, estabeleceram o seu povoado principal, que viria, depois, a baptizar a própria elevação e, no monte de S. Félix, um castro do qual não estão a descoberto as estruturas pétreas. A Cividade de Terroso é uma das mais significativas estações arqueológicas da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular. Conheceu um longo período de ocupação, desde 500 a.C. a meados do século I d.C. Um momento decisivo foi o da incursão romana, em 138 a.C., que marcaria o início da presença romana nesta zona.

Com o novo dominador estabeleceram-se novas regras e é sob a sua alcada que começa o povoamento nas zonas baixas. É o caso da Vila de Mendo, na Estela, e das construções no Alto de Martim Vaz e Rua da Junqueira, na Póvoa de Varzim.

Da época da reconquista chega-nos o testemunho da existência da Vila Euracini - embrião do actual povoado poveiro - e já no período do condado Portucalense dá-se o florescimento de Rates à sombra do seu mosteiro e, um pouco mais tarde, da grandiosa igreja românica. Por aqui se viram passar os piedosos peregrinos para Santiago de Compostela e todo o fluir de gentes e acontecimentos da história de Portugal. Eis, em termos globais, apresentado o concelho da Póvoa de Varzim, cuja definição administrativa, tal como a conhecemos hoje em dia, data de 1855. A sua história institucional foi atribulada. No princípio do século XVII as guerrilhas judiciais com Barcelos, cujo termo entrava Póvoa adentro, foram um grande sorvedouro de recursos autárquicos. A questão arrastou-se desde 1706 até 1717, ano em que foi finalmente resolvida a contento dos poveiros. Mais tarde, aquando da reforma administrativa de 1836, a Póvoa passou de uma só freguesia para 14, as actuais (de notar que Aver-o-Mar e Aguçadoura eram parte integrante de Amorim e Navais, respectivamente) para além de Outeiro Maior, Parada, Rio Mau e Santagões. A repetição dos nomes de Amorim e Beiriz no concelho de Vila do Conde levou a desastrosa correcção, por parte dos serviços centrais que, sem atenderem à localização geográficas decidiram pelo ingresso destas duas freguesias nesse concelho. Balasar, que também aparecia repetida em Famalicão, continuou sob a alcada poveira. Em 1853, para restituir continuidade geográfica ao concelho poveiro, trocou-se com, Vila do Conde, Outeiro Maior, Parada, Rio Mau e Santagões por Amorim e Beiriz. Balasar passou a pertencer a Famalicão - situação passageira, dado que em 1855 ela voltava a ingressar no concelho da Póvoa de Varzim.

A 30 km a norte do Porto, este concelho fica aconchegado entre o mar, a poente; os concelhos de Vila do Conde a Sul; Vila Nova de Famalicão e Barcelos a Nascente e Esposende a Norte. As principais portas de entrada internacionais são o Aeroporto, a 18 km, e a Marina da Póvoa, moderno e bem apetrechado porto de abrigo para embarcações de recreio. Nas ligações rodoviárias nacionais é importantíssimo o papel do IC 1, e em 2004 será possível a deslocação desde a Póvoa até à região do grande Porto através da linha de metro.

O que visitar

Museu Municipal de Etnografia e História



Encontra-se instalado num edifício brasonado da segunda metade do século XVIII, classificado como Imóvel de Interesse Público, conhecido por Solar dos Carneiros, e que sofreu, ao longo dos anos, várias alterações de estrutura e pormenor.

Fundado em 1937 pelo etnógrafo poveiro António dos Santos Graça (1882-1956), este é um Museu com especial valor etnográfico, possuindo uma grande colecção sobre a original Comunidade Piscatória Poveira.

Pólo Museológico de S. Pedro de Rates



Adequando-se ao local e ambiente, este pólo do Museu Municipal dedica-se à preservação e divulgação da história, lenda, arte e arqueologia da Igreja Românica de S. Pedro de Rates

Pólo Museológico da Cidade de Terroso



Este edifício dispõe de um pequeno auditório/sala de projecções e uma área de recepção onde se faz uma breve apresentação do espaço da Cidade de Terroso, uma das mais importantes estações arqueológicas da Cultura Castreja no Noroeste Peninsular.

MONUMENTOS

Igreja Românica de Rates

(séc. XII/XIII - Monumento Nacional)



Este templo teve na sua origem uma capela modesta da época da Reconquista que foi reedificada nos finais do séc. XI, por iniciativa de D. Henrique e de D. Teresa. O edifício condal conhece novos voos no tempo de D. Afonso Henriques, quando se inicia a construção da actual igreja no séc. XII, tendo as obras terminado um século mais tarde. É um apreciável exemplo do estilo românico do nosso país. De construção pesada, feita de granito, tem poucas aberturas, uma delas, a rosácea, na parte superior da fachada.

Pelourinho e Antigos Paços do Concelho de Rates



(séc. XVI - Monumento Nacional; Séc. XVIII)

Povoado antigo, nasceu e cresceu à sombra do Mosteiro aí fundado pelo Conde D. Henrique, no ano de 1100. Renovado o foral em 1517 por D. Manuel, manteve a sua independência autárquica até à reforma administrativa de 1836, sendo então integrado no concelho da Póvoa de Varzim. A atestar o seu passado autónomo o Pelourinho (Monumento Nacional) e os Antigos paços do Concelho (1755).

Pelourinho da Póvoa / Praça do Almada



(séc. XVI - Monumento Nacional; Séc. XIX)

É constituído por uma coluna de pedra, assente sobre degraus, tendo no alto do fuste a esfera armilar, emblema do Rei D. Manuel I que renovou o foral à Póvoa de Varzim, em 1514, única peça do primitivo pelourinho erigido naquele ano e reconstruído em 1854.

Está implantado na Praça do Almada, zona nobre por excelência, circundada por um conjunto arquitectónico de elevado apuramento estético, onde ao granito que faz a marcação da fachada se acrescentam os azulejos, o ferro forjado...

Aqueduto



(séc. XVIII - Monumento Nacional)

Construção de 999 arcos que transportava a água das nascentes de Terroso para o mosteiro de Santa Clara, em Vila do Conde. Construído de 1705 a 1714, atravessa as freguesias de Beiriz e Argivai.

Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição



(séc. XVIII - Imóvel de interesse Público)

Edificada no local onde outrora o existiu o «Forte de Torrão» (já referenciado em 1685), a sua construção, que visava a defesa dos ataques de pirataria, iniciou-se no reinado de D. Pedro II, em 1701, mas só seria concluída com D. João V, em 1740. Foi baptizada com o nome de Imaculada Conceição, cuja imagem se venera numa pequena capela, de abóbada de cantaria e retábulo de talha dourada.

Possui um traçado pentagonal, compõe-se de 4 baluartes ligados pelas respectivas cortinas de muralhas.

Actualmente, é utilizado como quartel da Brigada Fiscal da G.N.R., o que condiciona a visita ao seu interior.

Igreja Matriz



(séc. XVIII - Imóvel de interesse Público)

Construção iniciada em 1743 e terminada em 1757, este é o templo mais antigo e significativo da cidade e marca a consolidação do crescimento do povoado. Esta igreja barroca ostenta, nos seus vários altares, uma talha dourada «Rocaille» impressionantemente rica.

Paços do Concelho



(séc. XVIII - Imóvel de interesse Público)

A sua construção marca na Póvoa de Varzim a esclarecida reforma urbanística do Corregedor Francisco de Almada e Mendonça.

A arcada da frontaria,

desenhada em 1790/91 pelo Engenheiro francês Reinaldo Oudinot, sugere a estrutura arquitectónica e decorativa da Feitoria Inglesa do Porto. Foi inaugurado em 28 de Dezembro de 1807. Entre 1908/10 sofreu profundas obras de ampliação e decoração orientadas pelo etnólogo Rocha Peixoto e pelo pintor belga Joseph Bialman: torre e azulejamento interior e exterior do edifício.

Durante o ano de 1988, o seu interior foi totalmente beneficiado e reestruturado.

Capela de Nossa Senhora das Dores



(séc. XVIII - Imóvel de interesse Público)

Este templo de formato pentagonal e estilo barroco, ancorado a nascente do largo, data dos finais do século XVIII, embora só em 1866 tenha adquirido o aspecto actual com a conclusão das 6 pequenas capelas circundantes.

Representadas por esculturas de tamanho natural, estão aqui ilustradas seis dores de Nossa Senhora, estando a sétima no próprio altar-mor.

Cividade de Terroso (Imóvel de Interesse Público)



Situa-se numa elevação com cerca de 153 m de altitude, onde se regista um longo período de ocupação (séc. VII a.C. – séc. III d.C.) e que forneceu já importantes elementos de estudo para a história dos povos castrejos e da implantação romana. A sua descoberta e escavação deu-se nos inícios do século XX pela mão de Rocha Peixoto e, desde 1980, vêm-se realizando trabalhos arqueológicos tendentes à sua escavação, estudo e valorização. No Museu Municipal existe um “Núcleo de Arqueologia” onde está em exposição o espólio mais significativo desta estação arqueológica.

Monte de S. Félix



Este é o ponto mais elevado da Serra de Rates, 202 m de altitude. Daí se pode admirar a poente, a planície litoral com o oceano a emoldurar o horizonte e, a nascente, a ondulada e verdejante região interior. No sopé deste maravilhoso miradouro, encontra-se a igreja de Nossa Senhora da Saúde e, no cume, moinhos, alguns deles transformados em residência de férias, para além da capela de São Félix e da Estalagem do mesmo nome.

Campos de Masseira



Forma inteligente de aproveitamento das dunas onde, em pequenas explorações, praticando-se uma cultura intensiva, se obtêm excelentes produções hortícolas. Na zona de Aguçadoura e Estela, os agricultores cavaram a duna até próximo do nível freático (lençol de água) - o que permite um grau de humidade mais ou menos constante ao longo do ano - e modelam o campo em forma de masseira ou gamela. Nos valados cultiva-se a vinha. Com este rebaixamento

de alguns metros consegue-se uma protecção dos ventos marítimos, reforçada por sebes, de que resulta um aumento térmico. Estes dois factores aliados (humididade e temperatura) fazem com que funcionem como uma espécie de estufa.

Local de Peregrinação

Beata Alexandrina de Balasar

Alexandrina Maria da Costa é natural de Balasar, onde nasceu a 30 de Março de 1904 e aí faleceu, com fama de santidade, a 13 de Outubro de 1955. É conhecida em todo o país por "Santinha de Balasar" e a sua beatificação ocorreu em 25 de Abril de 2004.

Durante a sua vida foram muitos os "peregrinos" que, através de um contacto directo, testemunharam a sua bondade e sabedoria cristã. Na actualidade, a romagem mantém-se, agora para a Igreja Paroquial, local onde se encontra o seu túmulo, e para a casa onde viveu.

Monumentos Escultóricos

Eça de Queiroz



O grande romancista português nasceu nesta cidade, em 25 de Novembro de 1845, presumivelmente na Praça do Almada, na casa que existiu antes daquela que hoje ostenta uma placa de bronze, de Teixeira Lopes, alusiva ao acontecimento.

O monumento, de autoria do escultor Mestre Leopoldo de Almeida, foi erigido em 1952, por subscrição dos poveiros no Brasil.